

MARIA TERESA FÉRIA DE ALMEIDA*

Conheci a Natália Correia e tive ocasião de conviver com ela, muito brevemente, já nos últimos anos da sua vida.

Para além do renome que tinha como poetisa e como cidadã politicamente comprometida, a Natália Correia fascinou-me no primeiro encontro que tive com ela pela força avassaladora do seu olhar.

Fui objeto desse olhar num jantar, creio que em Madrid nos finais dos anos 1980, quando, numa mesa comprida onde estavam várias mulheres ilustres, e eu era a jovem que ali estava para aprender com todas elas, sentada lá no fim da mesa, lhe disse um rotundo *não* quando ela propôs que se fizesse uma homenagem a uma deputada que tinha recentemente abandonado a política.

Foi um *não* que caiu naquela mesa como se tivessem caído ao chão os talheres, os pratos e os copos, tudo ao mesmo tempo – a verdade é que eu não gostava, nem nunca tinha gostado das ideias políticas dessa deputada e sentia-me muito contente por ela abandonar o Parlamento.

.....

* Juíza Desembargadora. Presidente da Direcção da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas

Todas aquelas mulheres ilustres que tinham anuído convictamente à ideia da homenagem se viraram para mim, e na cara delas eu via claramente escrito: “Mas quem é esta, que acha que pode dizer *não*?”

Só a Natália olhou mesmo para mim, para os meus olhos, e perguntou “Porquê?”

Expliquei, claro, as minhas razões, mas mais do que sentir que ela as ouviu com atenção, o que se passou nesse breve momento foi a transformação do muito respeito que lhe tinha numa profunda amizade, porque os seus olhos compreenderam o que eu dizia e neles brilhava uma luz intensa, uma luz que dizia: “Força, fala, diz o que pensas!”

Foi assim que eu passei a reconhecer nela, mais do que a poetisa e a cidadã, uma mulher que me mereceu confiança e afeição.

S. Pedro do Estoril, 23.04.19